

DIÁLOGO ENTRE LOUCURA E LITERATURA NO CONTO “O ALIENISTA”

Bianca Nagai ¹
Carina Schroeder Aparecido ²
Manuela Táffeni dos Santos ³

RESUMO: Os encontros entre loucura e literatura são recorrentes desde a antiguidade e permanecem até hoje. Este trabalho tem como objetivo tratar alguns momentos em que o fenômeno loucura-literatura ocorreu, bem como analisar o conto “O alienista” com base na análise de outros estudiosos que se debruçaram sobre o assunto. Há, também, uma breve descrição sobre o conto, para fins de contextualização. Para tanto, foram utilizados como aporte teórico Cândido (2004) e Andrade, Lima e Santos (2014). Buscamos pontuar trechos da obra que são a expressão de algumas características de Machado de Assis, como a problemática da identidade, a oposição entre ciência e religião e os pequenos detalhes subentendidos, como o próprio nome do protagonista. Por conseguinte, elencamos os autores supracitados como alicerce para o desenvolvimento deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Loucura; O alienista.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Machado de Assis é conhecido por tratar de temas difíceis de modo singelo e irônico. As características inconfundíveis do autor fazem com que suas obras atravessem séculos, fazendo dele um clássico.

O Alienista é a primeira obra realista do escritor, nela é retratada a loucura em uma época em que o poder da Igreja Católica estava em ascensão. Na obra, o personagem principal é um médico que acredita cegamente na ciência, entrando em conflito com o Padre da pequena cidade que, por sua vez, duvida da possibilidade da ciência de curar a loucura, gerando um conflito entre religião e ciência.

¹ Graduanda no curso de Letras Português/Alemão/Espanhol/Inglês pela UNIOESTE – *Campus* de Marechal Cândido Rondon. biancanagai@hotmail.com.

² Graduanda no curso de Letras/Português/Alemão/Espanhol/Inglês pela UNIOESTE – *Campus* de Marechal Cândido Rondon. manuelataffeni@hotmail.com.

³ Graduanda no curso de Letras/Português/Alemão/Espanhol/Inglês pela UNIOESTE – *Campus* de Marechal Cândido Rondon. caah.schroeder21@hotmail.com.

Desse modo, o propósito desse trabalho é relacionar os estudos de autores que se debruçaram sobre a obra, observar as características do personagem principal, analisar o modo que a loucura é abordada, além de confrontar a ciência *versus* religião no objeto de estudo.

2. A LOUCURA RETRATADA NA LITERATURA

Não são raros os estudos a respeito da loucura e sua presença em narrativas é recorrente desde a antiguidade. A complexidade do assunto estabelece, há muito tempo, diferentes concepções para a loucura. As várias faces desse fenômeno humano se opõem a muitas instituições e padrões estabelecidos pelo homem e qualquer ato que fuja disso, é considerado incomum, anormal.

Em 18 a. C., Horácio, em sua obra “Ars Poética”, considera loucura a mistura de gêneros narrativos no teatro. Para ele, tal fato era visto como grotesco, bizarro. Segundo Andrade, Lima e Santos (2012), durante a Idade Média, a loucura era explicada a partir da religião, via-se tal fenômeno como um castigo de Deus. Machado de Assis também aborda a loucura em sua obra “O alienista”, de 1882. É visto que a loucura recebeu e recebe diferentes concepções ainda nos dias de hoje, isso porque cada um que a concebe a sua maneira o faz devido à sua história, ideologia, contexto em que está inserido, entre outros fatores.

É de conhecimento social e acadêmico que os fatores sociais são diretamente determinantes sobre a literatura. Entre os autores do século XIX, Machado de Assis, em suas obras, era capaz de antecipar fatores e acontecimentos sociais que assolariam a sociedade apenas anos depois. O autor tratava, de forma branda, assuntos que, naquela época, eram considerados tabus. Machado era capaz de provocar reflexões a partir de suas obras e, conseqüentemente, desconstruir verdades absolutas para a sociedade da época em questão. Assim, “o fato de sua obra encontrar atualmente certo êxito no exterior parece mostrar a capacidade de sobreviver, isto é, de se adaptar ao espírito do tempo”. (CÂNDIDO, 2004).

Em suas obras, Machado de Assis trata diferentes assuntos sob um novo olhar e consegue provocar reflexões que nos atingem até nos dias de hoje. Segundo Cândido, o autor consegue:

sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida [...] ou estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal e o anormal seria o ato corriqueiro. (CÂNDIDO, 2004).

Além de apresentar ao leitor novas perspectivas sobre uma ampla gama de assuntos tratados em suas obras, Machado de Assis deixava muitas questões em aberto: ele permitia a visão do leitor. Tal fenômeno, devido à bagagem literária e de vida de cada um que o lia, causava, em muitos casos, uma dupla leitura. Para Cândido, os contos e romances de Machado

(...) parecem abertos, sem conclusão necessária, ou permitindo uma dupla leitura [...] e que se de um lado pode parecer academismo, de outro sem dúvida parece uma forma sutil de negaceio, como se o narrador estivesse rindo um pouco do leitor. (CÂNDIDO, 2004).

Machado de Assis, embora de forma sutil, desenvolveu características muito marcantes em suas obras, que os críticos só conseguiram desvendar com muitos anos de estudo. Em seus contos e romances, era possível perceber que o autor tinha uma problemática com a identidade, acontecimento que gerava muitas questões a respeito da autenticidade do ser. Assim como mencionado por Cândido, as questões levantadas por Machado permitiam a dupla leitura. Nesse caso, a primeira perspectiva poderia ser o problema da divisão do ser e, a segunda, os limites da razão e da loucura, linha tênue muito tratada em suas obras.

Entre tantos contos e romances que abordam a problemática da personalidade e da autenticidade do ser, trataremos, nesse trabalho, do conto “O alienista”, de Machado de Assis.

3. A OBRA

Publicada em 1882, a obra “O alienista”, de Machado de Assis conta a história de Simão Bacamarte, médico renomado. A história se inicia com a volta de Bacamarte para o Brasil após uma temporada na Europa. O protagonista se instala em Itaguaí, pequena cidade no interior do Rio de Janeiro, onde se aprofunda ainda mais no estudo da ciência. Aos quarenta anos, Bacamarte se casa com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, descrita como alguém nem bonita nem simpática, mas que reunia boas condições fisiológicas e anatômicas para gerar filhos sãos e inteligentes.

D. Evarista, no entanto, não gerou filhos, o que fez com que Bacamarte buscasse ajuda na ciência. Não foram poucas as fontes de estudo e o protagonista chegou até a elaborar uma dieta para a esposa a fim de sanar o problema, mas o médico foi o último da linhagem dos Bacamarte. Frustrado, Simão Bacamarte busca consolo na ciência e acaba se interessando pelo estudo da mente. O médico, então, propõe à Câmara que os loucos da cidade sejam abrigados em uma casa para tratamento, visto que os calmos ficavam soltos e os com a

loucura mais desenvolvida ficavam em casa até morrer, privados da vida, mas em nenhum dos casos havia cura.

A proposta causa grande tumulto na cidade. Uma parte da população acata a ideia e a outra parte a rejeita. O Padre Lopes é um dos personagens que não se deixa convencer com o plano de Bacamarte, o que estabeleceu a oposição entre ciência e religião.

Mesmo com boa parte da população contrária à ideia, Simão Bacamarte constrói a Casa Verde, um ambiente grande, com muitas janelas verdes, que originaram o nome do local. A cerimônia de inauguração durou sete dias e reuniu pessoas não só da cidade, mas de toda a redondeza. A Casa Verde já abrigava alguns loucos quando a cerimônia chegou ao fim e, com o passar do tempo, já era uma população de loucos de várias cidades.

Bacamarte, contudo, começou a enxergar loucura em qualquer um que agisse diferente do esperado por ele, do que fosse fora do que ele considerava normal. Costa, cidadão conhecido de Itaguaí, foi um dos recolhidos à Casa Verde porque perdeu toda sua fortuna. Além dele, Mateus, porque gostava de ficar na janela de casa ao final da tarde, enquanto as famílias jantavam, para que fosse contemplado por eles. As internações por qualquer motivo começaram a deixar a população preocupada, o que gerou a Revolta dos Canjicas, liderada pelo barbeiro Porfírio.

A população revoltosa, no entanto, não ameaça Bacamarte, que a recebe com indiferença e retoma suas atividades. Porfírio, então, convida Bacamarte para uma reunião e, por fins políticos, acaba se aliando a ele.

Apesar de todo o esforço para acabar com as internações, a Casa Verde só se fortalecia. Até D. Evarista foi recolhida, porque estava indecisa sobre qual colar usar no baile da Câmara Municipal.

Após recolher 75% da população à Casa Verde, devido às manias das pessoas, que não condiziam com as de Bacamarte, o médico resolve liberar todos. Então, começa a trabalhar novamente a partir de outra perspectiva.

Por fim, Bacamarte percebe que o único louco da cidade era ele, que não tinha nenhuma mania nem atitude imperfeita. Sua “personalidade perfeita” o tornava alguém incomum, visto que toda a população carregava em si detalhes imperfeitos. Sendo assim, o médico se recolhe à Casa Verde, onde permanece sozinho até a morte.

3. NAS ENTRELINHAS DO CONTO

O conto de Machado de Assis levanta questões a respeito dos limites da loucura e da sanidade somados aos problemas da personalidade e autenticidade do ser. O autor se vale de um assunto considerado anormal naquela época para reverter o que era tomado como verdade pela sociedade. De acordo com Cândido, o conto de Machado de Assis foi “elaborado segundo uma estrutura que Forster chamaria ‘de ampulheta’.” (CÂNDIDO, 2004).

O escritor utiliza temas que na época eram enraizados de preconceitos, para provocar reflexões a respeito. Machado de Assis parecia gostar de “virar a ampulheta” e desequilibrar assuntos já definidos ou aqueles que ainda não se havia a pretensão de tratar. No caso de “O alienista”, a loucura.

Simão Bacamarte, vulgo o alienista, tinha a ambição de investigar a cura para a loucura.

No conto O Alienista, em uma missão que beirava o heroísmo, Simão Bacamarte ambicionava desvendar os mistérios da "mente" humana, descobrindo a fronteira entre a razão e a loucura, classificar os seus tipos e graus e, a partir deste mapeamento, investigar a cura dos anormais. (ANDRADE, LIMA, SANTOS, 2014)

Assim como toda a obra, a escolha do nome Bacamarte está alicerçada à uma ideologia. Bacamarte, segundo o dicionário Anapéstico, é “uma arma de fogo longa, de cano longo e mais alargado na boca, reforçada na coronha [...] seu objetivo era espalhar uma carga de chumbo grosso contra massas de tropas.” (ANAPÉSTICO, 2016). Do mesmo modo, agiu Simão Bacamarte, que manipulou as pessoas e, de maneira gradativa, atingiu toda a cidade.

Simão Bacamarte era obcecado pelo trabalho e pelo desejo de desvendar a mente humana, possuía uma personalidade manipuladora, sendo equilibrado, frio e racional. Uma prova disso é descrita no conto, no momento em que Dona Evarista percebe que, um grupo de pessoas revoltadas com o comportamento de seu marido estavam em frente à casa deles. Dona Evarista, não se desesperou, pois ela sabia agir com cautela em momentos assustadores, como descreve o autor da obra:

D. Evarista, se não resistia facilmente às comoções de prazer, sabia entestar com os momentos de perigo. Não desmaiou; correu à sala interior onde o marido estudava. Quando ela ali entrou, precipitada, o ilustre médico escrutava um texto de Averróis; os olhos dele, empanados pela cogitação, subiam do livro ao reto e baixavam do reto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentais. D. Evarista chamou pelo marido duas vezes, sem que ele lhe desse atenção; à terceira, ouviu e

perguntou-lhe o que tinha, se estava doente. —Você não ouviu estes gritos?
perguntou a digna esposa em lágrimas. (ASSIS, 1882. p. 22).

A agitação que ocorria ao redor da casa de Bacamarte, não o assustava, pelo contrário, ele caminhou até a varanda e calmamente disse: “Direi pouco, ou até não direi nada, se for preciso. Desejo saber primeiro o que pedis.” (ASSIS, 1882).

A ganância de Simão Bacamarte de descobrir a fronteira entre a razão e a loucura fez com que este, ao final do conto, se internasse, concluindo que era o único ser com personalidade perfeita e que as outras pessoas eram anormais.

Entre tantos assuntos abordados nas entrelinhas do conto de Machado, o autor ainda estabelece e trata, durante sua obra, a oposição, pertinente até os dias de hoje, entre ciência e religião.

O Alienista não retrata apenas como o cientificismo foi absorvido na sociedade brasileira, a carioca em particular. O conto também fala sobre a disputa de poder entre o discurso científico representado por Simão Bacamarte e o discurso religioso personificado em Padre Lopes. (ANDRADE, LIMA, SANTOS, 2014)

Assim como a loucura, as relações diretas entre ciência e religião são parte fundamental na trama de Machado, que, mais uma vez, consegue produzir uma obra que transcende séculos e permanece fazendo total sentido. Esse fenômeno, por si só, explica o porquê de as obras de Machado de Assis serem consideradas clássicos e, conseqüentemente, tomarem novos significados em cada contexto em que estão inseridas e para cada leitor que se debruça sobre suas entrelinhas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É visto que a literatura está diretamente relacionada a fatores sociais e que ela é capaz de expressar marcas de uma época. Uma obra, no entanto, se torna um clássico quando transcende e atravessa séculos. Machado de Assis é considerado um produtor de clássicos justamente porque suas obras tratam de assuntos que provocam profundas reflexões até os dias atuais.

Cândido

argumenta que a forma do conto de Machado é denominada “de ampulheta”, objeto que, quando virado, começa a preencher a outra extremidade de areia. O escritor parece se divertir ao “girar a ampulheta” e brincar com as verdades absolutas da época, no caso de “O alienista”, a loucura.

A loucura, assunto considerado um tabu para a sociedade do século XIX, é tratada, no conto de Machado, como algo normal. Nota-se que o autor exibe, de forma sutil, certo riso devido à verdades tão concretas para a população e tão suscetíveis à mudanças, o que ocorre quando ele “gira a ampulheta”. O alienista conta a história de Simão Bacamarte, um médico renomado que manipula toda a população de Itaguaí, pequena cidade do Rio de Janeiro, e quando finalmente interna a maior parte da população em seu manicômio, a ampulheta é girada por Machado e a população é liberada. Desta forma, Bacamarte procura a loucura no restante da população, que permanecia livre do manicômio e, após interná-la, há um novo giro da ampulheta e ele percebe que o único ser com a personalidade perfeita era ele e, conseqüentemente, o único anormal.

Além disso, o conto trata da oposição entre ciência e religião, representadas por Simão Bacamarte e Padre Lopes, respectivamente. Ambos não compactuam com as ideias um do outro e a trama retrata os dois lados, permitindo, como mencionado, uma dupla leitura do conto.

Outro ponto elencado foi a problemática acerca da personalidade humana. Machado propõe questionamentos sobre a autenticidade do ser e sua obra está preenchida nas entrelinhas com reflexões sutis sobre o assunto. É possível verificar tais questionamentos quando o autor quebra a expectativa e retira a população de Itaguaí do manicômio e interna o protagonista.

O conto de Machado de Assis, no geral, questiona quais são os limites entre loucura e sanidade e quem é completamente são para defini-los. Além disso, levanta questões sobre a personalidade, a partir de reflexões a respeito de uma perfeição inexistente e humanamente impossível. O autor explora, de forma branda, assuntos rígidos e que exigem uma amplitude de conhecimento para serem tratados. Apesar disso, Machado consegue produzir obras que transcendem séculos devido a sua originalidade, o que as tornam clássicas.

5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. V.; LIMA, A. F.; SANTOS, M. E. *A razão e a loucura na literatura: um estudo sobre O Alienista, de Machado de Assis*, 2014.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In.: ---. *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

DICIONÁRIO PORTUGUÊS. Anapéstico [on-line] - Edição 1.5 (nov 2016). Disponível <<http://dicionarioportugues.org/pt/anapestico>>